

ANNUAL MEETINGS
2026 | THAILAND
INTERNATIONAL MONETARY FUND
WORLD BANK GROUP

October 16, 2026

Address by **KRISTALINA GEORGIEVA**,
Chair of the Executive Board and
Managing Director of the International Monetary Fund,
to the Board of Governors of the Fund
at the Joint Annual Discussions

Repor as reservas sem o luxo do tempo

Kristalina Georgieva

Diretora-Geral

Fundo Monetário Internacional

16 de outubro de 2026

Bom dia a todos! Gostaria de começar com uma série de agradecimentos:

- Aos **países membros do FMI**, aqui presentes e representados em Washington pela nossa excelente Diretoria Executiva. Servi-los é a nossa razão de ser.

- À **Tailândia**, pela calorosa hospitalidade. Vossa Excelência Primeiro-Ministro Anutin: é particularmente simbólico ver esta bela réplica da Barca Real. Ela serve para nos lembrar de que estamos todos no mesmo barco.

- Aos colegas do **Banco Mundial**, por serem nossos parceiros. Ajay, as nossas instituições cumprem as suas funções de maneiras diferentes, mas remamos juntos.

- E ao **Governador Carvallo**, presidente do nosso Conselho de Governadores deste ano. O seu país, o Paraguai, apresenta todas as características de maturidade que me levam a querer abandonar o rótulo de "mercado emergente".

Gostaria também de reconhecer os meus colegas, a direção e o **corpo técnico do FMI**, oriundos de 161 países-membros (1), mas todos unidos pelo compromisso de servir ao bem público global. Por favor, se levantem — tenho muito orgulho de vocês, da sua dedicação e empenho.



Minha tarefa hoje é apresentar uma breve visão geral da economia mundial — **moldada cada vez mais pela IA** — e explicar sucintamente como o FMI está contribuindo.

Gostaria de começar expressando minha convicção de que, a despeito dos altos e baixos da história, **o mundo está em um**

caminho de progresso. No entanto, bons resultados não vêm por si só; precisamos nos esforçar para alcançá-los. E, ao fazermos isso, precisamos aproveitar ao máximo as oportunidades que criamos e gerir os riscos — em benefício de todas as pessoas, sejam elas quem forem e estejam onde estiverem.

Hoje, o nosso barco está sendo sacudido pelas ondas da **tecnologia e da geopolítica**. Nossa capacidade de mudar de rumo e manobrar é limitada pelo pesado fardo da dívida pública. Até o momento, o barco vem se mostrando resiliente, mas mantê-lo firme exigirá um esforço considerável.

A tecnologia está conosco desde o início dos tempos; então, o que ela traz de novo agora? O que ela traz de novo é a **velocidade sem igual** com que as coisas estão mudando. Além da IA — algo que provoca um enorme entusiasmo, mas que também assusta —, temos a robótica avançada, a computação quântica, a

hipernuvem, as *FinTech* e grandes saltos na medicina.

Na geopolítica, um **clima de desconfiança** faz com que as preocupações com a segurança se somem ao foco tradicional dos países na eficiência econômica. Em algumas partes do mundo, o descontentamento com o sistema comercial internacional está causando turbulências e, da Ucrânia ao Golfo, vemos um arco de guerra.

Diante de mudanças tão profundas, é notável como a economia mundial tem **se mantido estável**. Em outubro de 2025, prevíamos um crescimento de 3,1% para este ano; um ano depois, nossa projeção permanece inalterada: 3,1%. O comércio, por sua vez, vem conseguindo contornar todos os obstáculos.

Esse crescimento estável é o resultado líquido de **duas grandes forças opostas**: um choque energético, que freia o

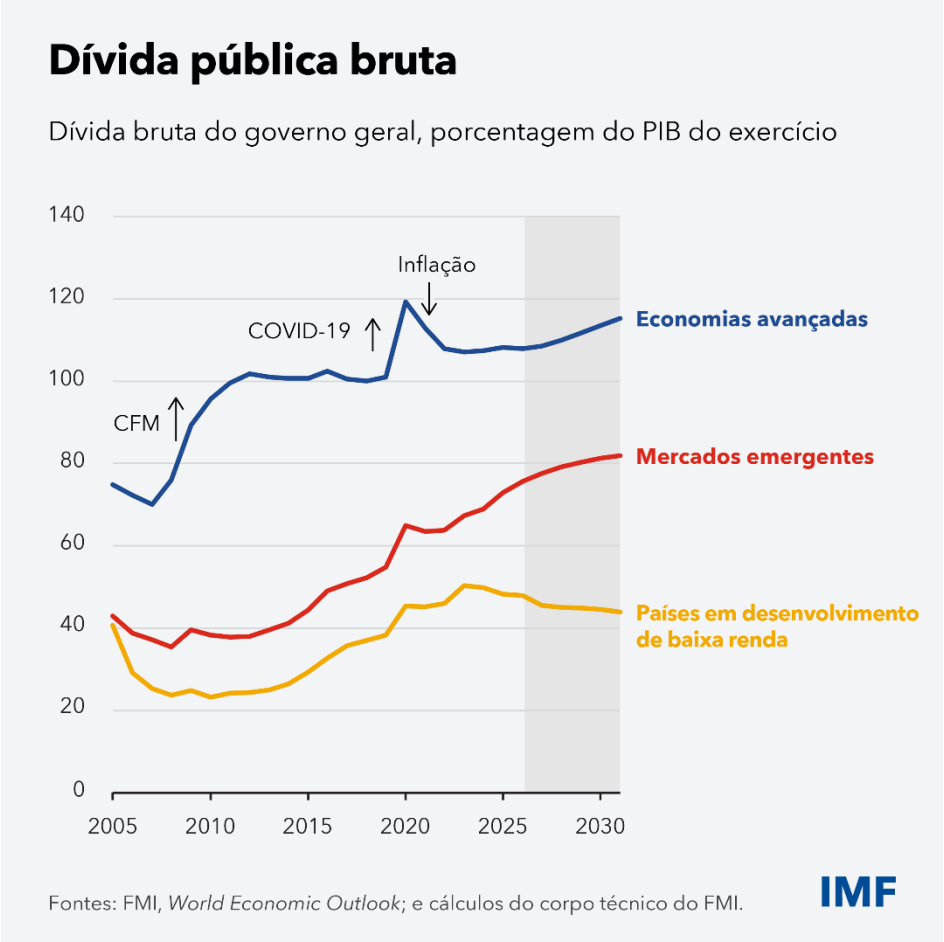
crescimento, e uma forte expansão da IA, que o impulsiona.

Mas, se analisarmos mais a fundo, vemos uma **divergência significativa** (2). As projeções de crescimento das economias atingidas pela guerra foram revistas significativamente para baixo, enquanto as das economias que integram a cadeia de valor da IA — EUA, China, Índia e outras, sobretudo na Ásia — foram revistas para cima.



E países demais carregam uma **dívida pública** excessivamente elevada (3). Os países ricos são os que mais se destacam negativamente, mas os níveis de endividamento também estão subindo nos mercados emergentes. Os países de baixa renda tendem a apresentar uma relação dívida pública/PIB mais baixa, mas, ainda assim, as despesas com juros são elevadas e

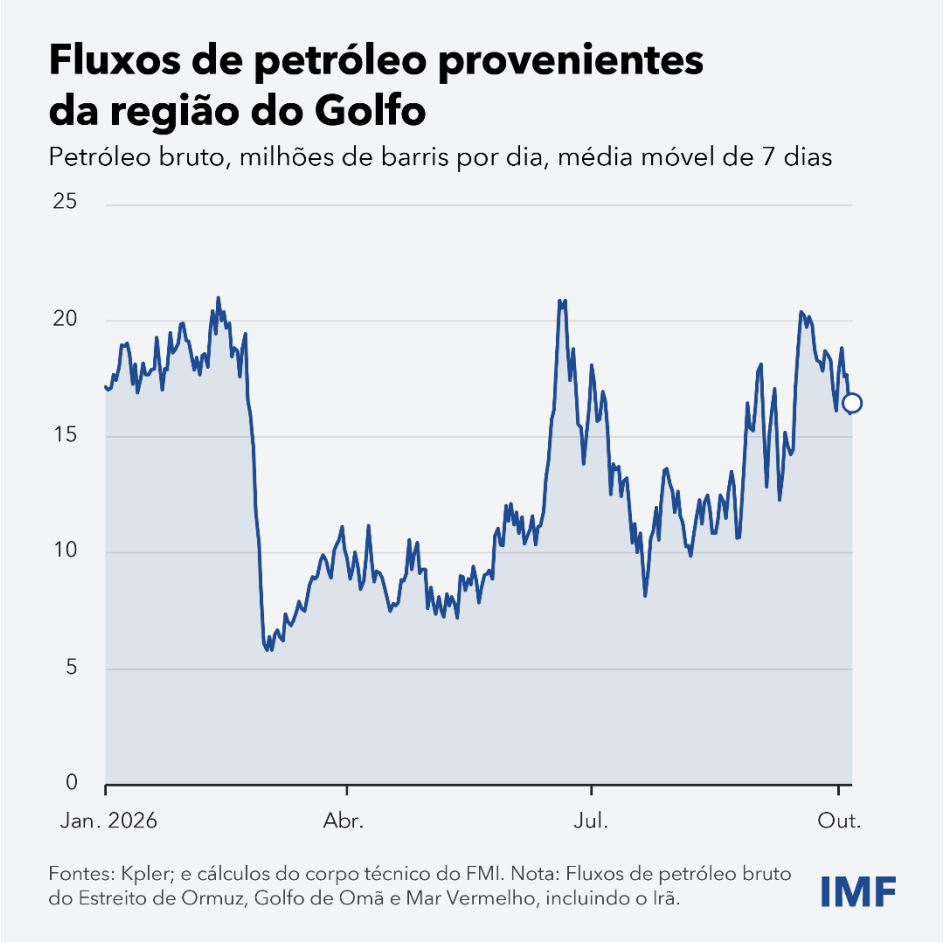
pesam cada vez mais. Somado à queda da assistência oficial, isso reduz o espaço para gastos com desenvolvimento.



As **consequências macroeconômicas** dessas correntes contrárias são claras:

- Primeiro, o choque na oferta de energia **eleva a inflação e reduz o crescimento**.

O transporte marítimo (4) continua em risco. As insuficiências na capacidade de refino e na oferta de gás estão se fazendo sentir. Os países do norte precisam recompor suas reservas de combustível, pois o inverno se aproxima.



- Segundo, dívidas e déficits elevados prejudicam os países na sua **capacidade**

de amortecer choques e também podem ser inflacionários. E, embora o crescimento ajude, nenhum aumento plausível do crescimento, por si só, é capaz de reverter com rapidez suficiente as trajetórias de aumento da dívida sem um esforço fiscal.

- Terceiro, sim, a rápida disseminação da IA **impulsiona o crescimento**, mas também alimenta a inflação no curto prazo. A IA gera enormes necessidades de infraestrutura, cada vez mais financiadas por dívida. Decerto, já estamos observando ganhos de produtividade e se prevê que haja mais, porém ainda não se sabe qual será sua magnitude nem com que rapidez isso ocorrerá.

Além disso, o **super *El Niño*** deste ano também contribui para as pressões inflacionárias, afetando os preços dos alimentos — o que prejudica sobretudo os mais pobres — e causando outros transtornos.

Como resultado, **os mercados de títulos estão emitindo sinais claros**. Após aumentos consideráveis neste ano, os rendimentos dos títulos soberanos de 10 anos dos Estados Unidos, da Alemanha e do Japão alcançaram recentemente os seus níveis mais altos desde 2002, 2009 e 1996, respectivamente.

A **alta dessas taxas de referência** eleva os rendimentos tanto nos mercados emergentes quanto nas economias avançadas, inclusive na área do euro (5). Os países mais endividados registram aumentos mais expressivos, como era de se esperar. Cumpre notar que os mercados continuam funcionando de forma ordenada.



Com diversos fatores pressionando a inflação para cima e a recente escalada inflacionária ainda viva na memória, os bancos centrais devem **se concentrar inteiramente na estabilidade de preços**. O FMI apoia as recentes medidas de aperto monetário e a postura firme adotada pelo Federal Reserve, pelo Banco Central Europeu e pelo Banco do Japão.

É melhor elevar os juros hoje do que **agir tarde demais** e ter de aumentá-los ainda mais amanhã. Não obstante, uma política monetária mais restritiva aumenta os custos de financiamento dos governos, e esse efeito se faz sentir mais rapidamente quando a dívida pública de curto prazo é elevada.

A conclusão inevitável é que, para preservar a estabilidade, a maioria dos países cuja dívida está elevada precisa fazer uma **consolidação fiscal**. Os governos precisam formular planos fiscais de médio prazo confiáveis, apoiados, em alguns casos, por medidas imediatas.

Nosso apelo em favor da contenção fiscal é especialmente importante para as **economias avançadas de importância sistêmica** com níveis altos de endividamento e déficit — não apenas pelos benefícios que isso traria internamente, mas também pelos importantes efeitos de contágio que podem gerar no resto do mundo.

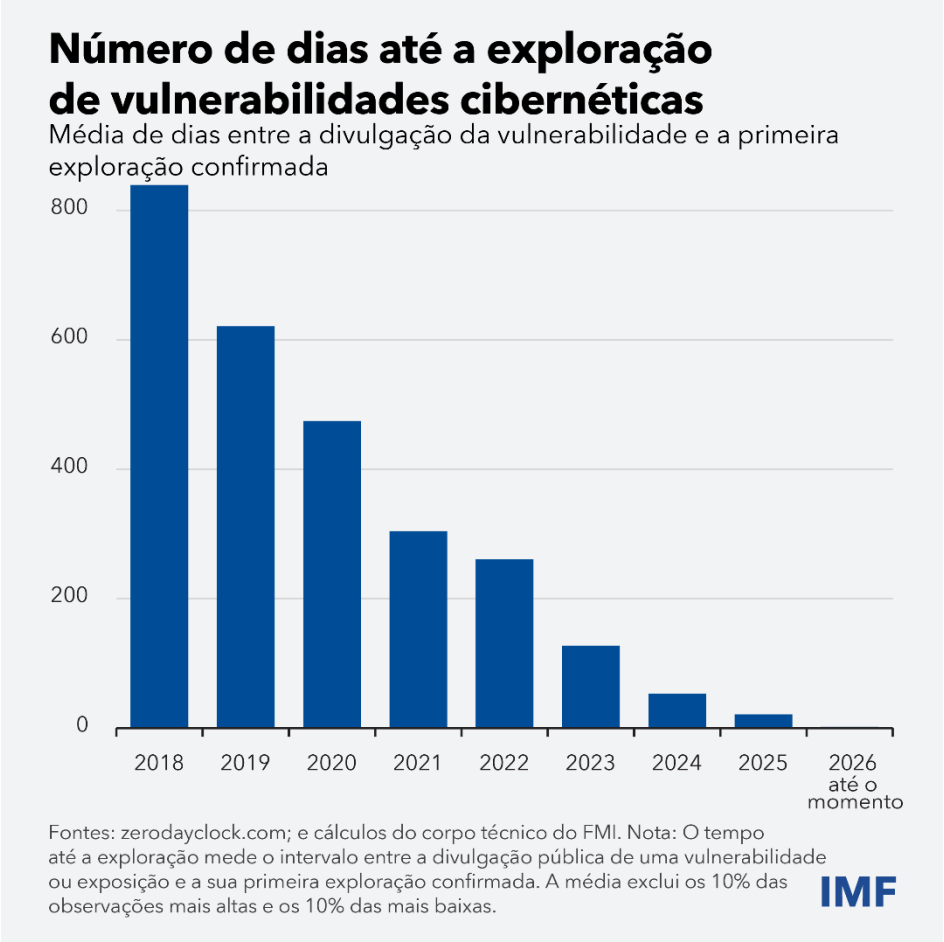
Uma consolidação sempre é difícil, seja onde for. As autoridades precisam explicar por que ela é necessária; formular planos que minimizem, na medida do possível, os custos para o crescimento futuro e, ao mesmo tempo, protejam os mais vulneráveis; e complementar as reformas fiscais com **políticas estruturais** que elevem o crescimento potencial.

Dada a velocidade com que a IA avança, é fundamental que, entre essas políticas estruturais, figurem medidas para assegurar a **preparação para a IA**. Isso significa diferentes ações em diferentes países, dependendo de seu papel como provedor, fornecedor ou usuário de IA.

A IA simples, acessível por meio de um smartphone, pode ser uma poderosa força de democratização. Como disse o escritor de ficção científica William Gibson, "o futuro já chegou, só não está distribuído de maneira uniforme". Cabe a nós **levar esse futuro a todos**.

Da mesma forma, é necessário que todos os países se protejam dos riscos substanciais que a IA gera, que vão do desemprego entre os jovens ao esvaziamento da base tributária e à instabilidade financeira. Talvez a maior preocupação seja o **risco cibernético**, que suscita temores de turbulência financeira, de rupturas na infraestrutura ou de algo ainda pior.

Vemos o número de ataques cibernéticos crescer exponencialmente, enquanto o tempo entre a descoberta e a exploração de vulnerabilidades (6) está diminuindo de meses para horas e, em breve, para minutos. **Estamos em uma corrida** para que os “mocinhos” permaneçam sempre um passo à frente dos “vilões”.



Um sistema global de IA sem fronteiras será tão forte quanto o seu elo mais fraco. Zelar para que os órgãos de supervisão em todos os países tenham condições para reforçar a resiliência cibernética torna-se, assim, uma questão de **interesse comum**.

Nessas e em outras áreas, o que precisamos neste momento é de uma **cooperação**

internacional urgente e prática, o que me leva ao trabalho do FMI.

Por meio do nosso trabalho de desenvolvimento das capacidades e do nosso Programa de Avaliação do Setor Financeiro (FSAP), ajudamos os países a **fortalecer os seus sistemas financeiros**, inclusive para se protegerem contra o desafio global da cibersegurança.

A cada ano, executamos cerca de 300 programas de assistência técnica e capacitação em supervisão financeira, além de cerca de 15 FSAP. E, neste ano, concluímos nossa mais recente **Revisão do FSAP**, realizada a cada cinco anos, cujo objetivo é assegurar que nos mantenhamos na vanguarda.

Hoje, tenho a satisfação de informar que, exatamente pela mesma razão, também concluímos **revisões abrangentes** do nosso trabalho de supervisão, da condicionalidade da concessão de empréstimos e da metodologia de avaliação

da sustentabilidade da dívida para os países de baixa renda.

O FMI — que é de vocês — **nunca descansa**.

Fundamentalmente, nosso trabalho macroeconômico visa corrigir **os desequilíbrios internos e globais** — tanto os de natureza fiscal, como já mencionei, quanto os relacionados à poupança privada, ao investimento e ao comércio dentro dos países e entre eles. Nessas áreas, estamos aprofundando as nossas metodologias de avaliação e assessoria.

Estamos instando nossos maiores membros a levar esse desafio muito a sério: os Estados Unidos precisam poupar mais, a China precisa consumir mais e a Europa precisa investir mais. Todos têm **muito trabalho a fazer em termos de política econômica**: consolidação fiscal nos Estados Unidos, menor intervenção do Estado nas decisões econômicas e melhoria das redes de segurança social na China, e

uma integração mais profunda na União Europeia.

No curto prazo, porém, as tendências continuam na **direção errada** (7), com os EUA ainda dependendo excessivamente da demanda interna e a China, das exportações líquidas. Mas trata-se de um esforço de médio prazo, cujo propósito é conter o acúmulo de vulnerabilidades mundiais.



Ao longo do caminho, alguns países vão tropeçar, e quando isso ocorrer, nós **vamos ampará-los**. Atualmente, nosso crédito em aberto, somado aos compromissos não desembolsados (8), chega a US$ 240 bilhões, e nossa capacidade de empréstimo ainda não utilizada é de cerca de três vezes esse montante. O nosso volume de empréstimos em condições concessionais, US$ 36 bilhões, corresponde a cerca de quatro vezes a sua média histórica.



E a esse respeito, gostaria de me dirigir a vocês, os nossos países membros, com **um pedido importante**.

Concordamos que, para posicionar o nosso Fundo Fiduciário para a Redução da Pobreza e o Crescimento (PRGT) — o nosso principal instrumento para empréstimos concessionais — em uma trajetória de autossustentabilidade, é

necessário obter **ampla aprovação** para as distribuições provenientes de uma conta provisória (9).



Até o momento, 39 países deram garantias nesse sentido, que, no total, representam quase 48%. Acolho com satisfação os esforços dos países da UE para encontrar uma maneira de oferecer garantias de

financiamento. A contribuição conjunta desses países, que nos permitiria chegar a 74%, será fundamental para o sucesso do quadro, cujo objetivo acordado é de 90%. Peço também o apoio dos demais para que **consigamos cruzar a linha de chegada**.

E, enquanto isso, gostaria de manifestar os meus sinceros agradecimentos a todos os que já se comprometeram a apoiar o PRGT, bem como a todos os nossos **doadores para o desenvolvimento das capacidades**. Durante estas Reuniões Anuais, mobilizamos mais de US$ 100 milhões em novos compromissos para esse fim — uma conquista significativa, que corresponde a cerca de um quarto dos nossos gastos anuais com desenvolvimento das capacidades.

Com isso, gostaria de concluir. Aqui, neste belo país, não consigo pensar em maneira melhor de encerrar minha fala do que citando **Sua Majestade, o falecido Rei Bhumibol**, cujas palavras nos lembram de que “os benefícios e resultados positivos

não surgem do nada. Pelo contrário, precisam ser gradativamente cultivados, acumulados e fortalecidos ao longo do tempo".

Essa é a **essência do nosso trabalho**: uma busca incansável pela melhoria da vida das pessoas. Isso leva tempo. É preciso perseverança. E colhemos os melhores resultados quando trabalhamos juntos. Nós, do FMI, com os nossos 191 países membros, continuaremos a trabalhar incansavelmente para atingir esse objetivo.

Obrigada, Tailândia, obrigada a todos. Passo a palavra a você, Ajay!